

O Milagre do Santo Novo: uma pesquisa para produção dramatúrgica

Jorge das Graças Veloso
Universidade de Brasília – UNB
doutor
ator e encenador

Resumo: Trata-se de uma reflexão sobre processos criativos para a cena teatral, a partir de matrizes culturais localizadas na tradição de manifestações culturais interioranas do entorno goiano do Distrito Federal. É um estudo localizado nos diálogos da etnocenologia com a antropologia do imaginário, com a sociologia compreensiva, com teorias sobre as culturas tradicionais brasileiras e com práticas e comportamentos organizados na contemporaneidade de habitantes de Brasília e dos meios rural, urbano e de pequenas localidades de suas adjacências. São práticas levantadas em pesquisas que resultaram, além de produções teóricas, nos espetáculos *Benedito* e *Inderna de Intão*, e na criação dramatúrgica de *O Milagre do Santo Novo*, montagem em processo de pré-produção, com estreia prevista para início de dezembro de 2009, na capital federal. Na criação dos três espetáculos, foram utilizadas as mesmas matrizes culturais contemporâneas, tratadas com abordagens diferentes, e perceptíveis em sua totalidade no último dos três. Esta criação traz para a cena as gestualidades e os falares já vistos em *Benedito* e *Inderna de Intão*, e acrescenta as visualidades dos grandes eventos em que estão se transformando, atualmente, os ritos religiosos tradicionais da região. *O Milagre do Santo Novo*, inspirado na música *Mané Tibiriçá*, do compositor Moreninho (da dupla sertaneja Moreno e Moreninho) trata de uma narrativa do imaginário interiorano, em que um espantalho feito de madeira, colocado no meio de um arrozal atacado por passarinhos, depois de levado por uma enchente, passa a ser reverenciado como santo milagreiro. A capela construída para abrigá-lo torna-se então, à semelhança de Trindade, Muquém e Aparecida do Norte, destacado ponto de peregrinação votiva e rogatória, uma das manifestações religiosas que mais se sobressaem no cenário das localidades em que se dá a trama dramatúrgica.

Palavras-chave: etnocenologia, imaginário, criação dramatúrgica

Na construção imaginária das religiosidades interioranas do Brasil, é recorrente a figura da imagem de santo encontrada acidentalmente e que, de repente, começa a fazer milagres. Assim, partindo da busca permanente de homens e mulheres ávidos por ações miraculosas de um sagrado sempre presente em suas vidas, surgem vários pontos de peregrinação que, com o passar do tempo, acabam se tornando verdadeiras metrópoles da fé.

É dessa forma que aparece, na década de 1840, nos arredores de Goiânia, na cidade de Trindade, a devoção ao Divino Pai Eterno. Consta nos registros relacionados ao surgimento da cidade que um casal de agricultores, Constantino Xavier Maria e Ana Rosa de Oliveira, muito religiosos, trabalhando a terra para a próxima plantação, encontraram um medalhão de barro. Ao verificarem seu achado, que media aproximadamente oito centímetros de circunferência, constataram que ali estava representada a Santíssima Trindade coroando a

Virgem Maria. Construíram uma pequena capela, onde a imagem começou a fazer milagres. Trindade é hoje o centro de peregrinação religiosa mais importante da região Centro-Oeste do Brasil.

Não é muito diferente o que acontece com a fundação de Aparecida do Norte, no Estado de São Paulo, considerada por seguidores do catolicismo como o maior centro religioso do país. Ali é reverenciada a imagem de Nossa Senhora Aparecida, oficialmente reconhecida como padroeira do Brasil, em contraste com a determinação constitucional de que este é um estado laico.

Em 1717, lançando suas redes no rio Paraíba, próximo à Vila de Guaratinguetá, os pescadores Domingos Garcia, João Alves e Filipe Pedroso acabaram trazendo para terra firme uma imagem, sem a cabeça, de Nossa Senhora da Conceição. Mesmo não conseguindo uma boa pescaria, insistiram no mesmo lugar. Depois de mais alguns lançamentos de redes eles acabaram “pescando” a parte que faltava da imagem da santa.

A partir desse momento, eles pescaram tanto peixe que tiveram que parar os trabalhos antes do previsto. Filipe, considerado o mais piedoso dos três, levou a pequena escultura de terra-cota escura para casa, onde ela ficou por 15 anos. Ao se mudar do lugar, deixou a imagem com seu filho Atanásio, responsável pela construção do primeiro oratório para a santa, que começou a fazer toda ordem de prodígios miraculosos. E é nessa pequena capela que teve origem o que viria a ser hoje a Basílica de Nossa Senhora Aparecida.

Pois foi a partir de fatos como os narrados acima que o compositor Moreninho, que fazia uma dupla caipira¹ com seu irmão Moreno, na década de 1950, compôs a canção Mané Tibiriçá, “contando” os fatos que se seguem.

Como é corriqueiro ainda hoje, nas plantações de subsistência pelo interior do Brasil, para proteger dos passarinhos a sua plantação, um lavrador faz uma escultura de madeira e a coloca no meio do arrozal. Seu filho, de oito anos, deu o nome de Mané Tibiriçá ao espantalho, que acabou sendo levado por uma grande enchente.

Algum tempo depois, um pescador o encontra e, pensando tratar-se de uma imagem de santo, o coloca num altar de uma pequena capela. E o novo santo começa a fazer milagres, como diz a música: “E a notícia do ‘santo’ fez o povo alvoroçar. Começou vim romaria na

¹ Apesar da prevalência, nos dias de hoje, do termo sertanejo, os cantores e compositores ligados a uma música que eles denominam “de raiz”, preferem ser chamados de caipiras, isto por acreditarem que assim estão mais próximos das práticas originalmente ligadas àquela tradição interiorana do Brasil.

capela pra rezar. E o juda fez milagres, fez muita gente sarar. Cego viu a luz do dia aleijado tornou andar”. E o lugar torna-se ponto de busca de religiosos de toda região.

O filho do camponês, por alguma razão não explicada na letra da música, de repente perde a voz e não consegue mais falar. O pai, muito religioso, resolve levá-lo para ser curado pelo novo santo que tantos milagres faz. Ao chegar à igreja, em meio a grandes manifestações de fé, diante do altar, o garoto dá seu veredicto: “Vocês são ignorantes ainda querem me enganar. Essa cara eu já conheço, eu aqui vim para contar. Que esse ‘santo’ não é ‘santo’ é o Mané Tibiriçá”.

E, paradoxo, negando a veracidade do sagrado que representa a imagem no altar, o menino alimenta a chama da propagação do mais novo milagre realizado pelo santo, que “faz” um mudo falar. E é exatamente aí que se constrói todo o fundamento dramático do espetáculo *O Milagre do Santo Novo*, em processo de direção sob minha responsabilidade.

Partindo das proposições da etnocologia para os estudos dos ritos espetaculares e dos espetáculos propriamente dito, e trazendo para o centro das discussões a relação entre a pesquisa teórica e a produção artística, é que levanto alguns aspectos relacionados às noções de teatralidade e espetacularidade, contidas na criação do texto do espetáculo citado, ainda em pré-produção.

A pesquisa que me leva a essa produção dramática não se desvincula daquela que se iniciou em 1999 com meu ingresso no Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas, das Escolas de Teatro e de Dança da Universidade Federal da Bahia, onde concluí também meu doutorado.

Como tanto a dissertação quanto a tese foram relacionadas também a uma produção artística, partindo a primeira do espetáculo *Benedito*, e a segunda culminando com a montagem de *Inderna de Intão*, ambos da *Cia dos Homens*, de Brasília, a adaptação da música de Moreninho pode ser considerado o complemento de uma trilogia rural. *Benedito* é um estudo das gestualidades e *Inderna de Intão* agrega os falares dos habitantes da região pesquisada. Já *O Milagre do Santo Novo* traz para a cena dois aspectos que me são muito caros nas aproximações dos estudos sobre as tradições e a imaginária goiana do interior, com as reflexões sobre a pós-modernidade vista a partir de nosso olhar na contemporaneidade.

O primeiro diz respeito a uma transformação dos corpos vistos nos ritos espetaculares tradicionais, que se alteram radicalmente para uma espetacularidade somente perceptível anteriormente nos espetáculos propriamente dito. Disso, porém, já tratei em comunicação ao VI Colóquio Internacional de Etnocologia (VELOSO, 2009).

O que gostaria de demonstrar é o quanto a dramaturgia aqui tratada, levantando diversas abordagens propostas pela etnocologia, é a tradução da pesquisa acadêmica em uma produção artística, e como esta dialoga com as reflexões levadas à academia. Ou, muitas vezes, é a reflexão em si mesma.

É pela pesquisa baseada em metodologias etnocológicas que *O Milagre do Santo Novo*, em diálogos com a Sociologia, traz uma discussão sobre o sujeito das práticas religiosas tradicionais na contemporaneidade, onde conceitos de identidade se transmudam em noções de identificações ou de patrimônio identitário móvel. O jovem que, numa coroação de Reis de Congos, reverencia a imagem de Nossa Senhora d'Abadia ou de São Benedito, e também se identifica com os terreiros de Umbanda e, antes de sair com sua guarda de congadeiros, por lá passa para receber o “passe” da mãe de santo, é o mesmo que dança e canta Hip-Hop.

Funkeiros da periferia de Brasília, por suas identificações afetivas, acabam também catando pouso² nas folias do Divino no entorno goiano, gerando um antes impensado contraste com os modernos cowtrys que dançam a noite toda, com seus chapéus e botas, lembrando os cowboys norte-americanos da atualidade, mas que fazem referência aos tempos da colonização do oeste dos Estados Unidos.

E o texto, além de propor uma montagem que privilegie as grandes visualidades em que estão se transformando os rituais religiosos tradicionais, coloca em discussão aspectos dos mais interessantes dos relativismos contemporâneos. Práticas arcaicas veladas como, por exemplo, a iniciação sexual de jovens do meio rural de antigamente em relações de zoofilia são divulgadas como normais em portais virtuais da internet. E é exatamente numa situação de zoofilia que o filho do camponês, que dera o nome de Mané Tibiriçá ao espantalho que, no espetáculo, ao “encostar uma égua num cupim”, como se diz no interior, leva um coice do animal e acaba perdendo a voz.

Sempre que levantamos reflexões sobre a chamada pós-modernidade, somos levados a nos remeter a um conjunto de dualidades de conceitos e noções aparentemente antagônicos, mas que só adquirem sentidos se são vistos por suas características de complementaridade entre si. Assim, questões como as levantadas por Michel Maffesoli (2004), como, por exemplo, a sinergia de fenômenos arcaicos com as novas tecnologias, formam o conjunto de

² Não fazendo parte dos rituais cotidianos dos giros das folias, sejam elas dedicadas a qualquer santo, “cata pouso” é como são chamadas aquelas pessoas que vão à festa somente à noite, durante os aspectos profanos da festa.

fos condutores de várias pesquisas acadêmicas no campo das ciências humanas, principalmente no universo das artes.

O desfecho da trama proposta por Moreninho, e por mim assumido na dramaturgia, traduz esse relativismo cultural quando o menino nega a presença do sagrado para a multidão de devotos à sua volta mas, ao mesmo tempo, atesta a veracidade dos milagres ao recuperar a voz e gritar a todos: “este santo não é santo, é o Mané Tibiriçá”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade**: O lugar faz o elo. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2004.

NOSSA SENHORA Aparecida, padroeira do Brasil. Disponível em www.culturabrasil.pro.br - Acesso em 28/09/2009.

SANTUÁRIO Basílica do Divino Pai Eterno, Trindade, GO. Disponível em www.paieterno.com.br – Acesso em 26/09/2009.

VELOSO, Jorge das Graças. **Ritos Religiosos na tradição**: corpos em sagração ou artes do espetáculo? – Disponível em www.etnocenologia.org/vicoloquio - Acesso em 25/09/2009.